

1 FORTALEZA DE SÃO JOÃO BAPTISTA



Nesta fortaleza rebentou o primeiro movimento revolucionário liberal, chefiado pelo antigo Capitão General, brigadeiro António Pinto de Araújo e Azevedo, no dia 2 de Abril de 1821.

Aqui o Batalhão de Caçadores nº5 (a quem D. Maria II ofereceu uma bandeira bordada a ouro pelas suas mãos) restaurou os direitos de D. Pedro e a Carta Constitucional, no dia 22 de Junho de 1828.

Foi também nesta fortaleza que se hasteou, pela primeira vez, a bandeira azul e branca da monarquia constitucional e se estabeleceu uma Casa da Moeda, na primeira metade de 1829, onde se fundiram os “malucos” (moeda de 80 reis), postos a circular em 7 de Maio.

Algumas das suas posições fortificadas guardam ainda, em lápides de mármore e ao gosto da época, designações e quadras de espírito heroico: Bateria da Fidelidade, Bateria da Constituição, Bateria D. Pedro IV e Bateria de D. Maria II.

38° 39′ 2.1996″ N 27° 13′ 31.4688″ W﻿ / ﻿38.65253°N 27.22272°W﻿ / 38.65253; -27.22272

2 RELVÃO



Durante o período das lutas liberais este campo serviu para manobras militares e foi palco de aplicação de castigos e fuzilamentos, nomeadamente por ordem da Junta Provisória, na sequência da batalha do Pico do Seiclo. Após a chegada à ilha Terceira do Conde de Vila-Flor e, depois, de D. Pedro (tratado na literatura e documentação da época umas vezes por Imperador, outras por Duque de Bragança e outras ainda por El-Rei D. Pedro IV), este campo foi utilizado sobretudo para paradas militares onde, pouco a pouco, se foi formando o Exército Libertador que partiu, em maio de 1832, para a ilha de São Miguel, a caminho do Mindelo, nos arredores do Porto.

38° 39′ 8.9784″ N 27° 13′ 27.2712″ W﻿ / ﻿38.64996°N 27.22173°W﻿ / 38.64996; -27.22173

3 ERMIDA E HOSPITAL DA BOA NOVA



Nesta Ermida da Boa Nova, que serviu de capela ao hospital militar com o mesmo nome, esteve instalada, entre 1832 e 1835, a primeira imprensa dos Açores (que antes havia funcionado numa casa na Rua da Sé), já então denominada Imprensa da Prefeitura ou Imprensa do Governo, sendo seu compositor o *emigrado* João de Sousa Ribeiro. Noutra parte do edifício, voltada também para o Largo da Boa Nova, funcionaram as aulas de Retórica e Filosofia, no tempo da Regência. Na ala voltada para a Rua da Boa Nova continuou a funcionar o hospital.

38° 39′ 13.6692″ N 27° 13′ 25.0788″ W﻿ / ﻿38.65414°N 27.22136°W﻿ / 38.65414; -27.22136

4 CONVENTO DE SÃO GONÇALO



Neste convento, o mais antigo mosteiro de Angra, fundado em 1545, a chegada dos liberais causou grande alvoroço. No dizer do Marquês da Fronteira, aqui “todos tinham um derriço”, designadamente o morgado Teotónio de Ornelas Bruges e D. Pedro. Charneira entre dois tempos, quando se extinguíram os mosteiros desta ilha e não só, por decreto de 10 de Maio de 1832, este foi o único conservado, recebendo as monjas de todos os outros.

Outrora chegou a albergar mais de cem monjas de hábito negro de Santa Clara e era tido como apreciado centro de belas artes e reputado local de educação, atingindo mais de duzentas educandas que aprendiam música, canto, desenho, pintura e humanidades. Três palatrórios, de dupla grade e rede, asseguravam o contacto entre este imenso mundo feminino, filho da molher nobreza da ilha, e a comunidade local.

38° 39′ 16.6968″ N 27° 13′ 24.4056″ W﻿ / ﻿38.65433°N 27.22349°W﻿ / 38.65433; -27.22349



● permitida a visita

5 CEMITÉRIO DOS HEBREUS



Este “Campo de Igualdade” foi adquirido em 1832 pelos hebreus da cidade de Angra, para aqui poderem sepultar os seus mortos segundo os ritos da sua fé.

Em consequência do liberalismo emergente em Portugal, grupos e famílias hebraicas, vindas do Norte de África, começaram a aparecer nos Açores, a partir da década de 1820, com nomes como Abohbot, Benarus, Levy, Zagory

ou Bensabat. A aceitação da condição de hebreu no seio da comunidade contrastava com as perseguições movidas pela Inquiisição aos seguidores da fé hebraica nos séculos anteriores.

38° 39′ 18.8352″ N 27° 13′ 36.7248″ W﻿ / ﻿38.65503°N 27.22736°W﻿ / 38.65503; -27.22736

6 SOLAR DE SÃO PEDRO



Este solar foi requisitado durante a Regência, ficando nele instalado o Hospital Militar Regimental Reunido, destinado a prestar serviço a todas as unidades em colaboração com o velho Hospital da Boa Nova, por certo incapaz de responder às necessidades de tantas unidades militares, subitamente chegadas à ilha Terceira.

A semelhança deste solar, várias outras casas de Angra foram também requisitadas porque pertenciam a partidários da causa realista (absolutistas), ou porque eram necessárias tendo em conta as suas dimensões.

38° 39′ 27.4″ N 27° 13′ 42.4″ W﻿ / ﻿38.65472°N 27.22511°W﻿ / 38.65472; -27.22511

7 CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA



No extinto convento de frades de Santo Agostinho, outrora existente neste sítio, ficou aquartelado o Batalhão dos Caçadores nº2, criado no dia 23 de Agosto de 1829, constituído por militares feitos prisioneiros na sequência da batalha da Praia do dia 11 de Agosto de 1829. A cidade de Angra, transformada em cidadela, recebeu mais esta unidade militar, acrescentada aos efectivos da tropa liberal de primeira linha.

38° 39′ 22.7556″ N 27° 13′ 23.8224″ W﻿ / ﻿38.65602°N 27.22313°W﻿ / 38.65602; -27.22313

8 SOLAR DE SANTA LUZIA



Neste lugar existiu o solar onde viveu Teotónio de Ornelas Bruges Paim da Câmara de Ávila e Noronha Ponce de Leão Bruges de Sousa e Saavedra, herdeiro de uma das mais opulentas casas vinculadas da ilha Terceira, depois 1º Visconde de Bruges e 1º Conde da Praia da Vitória.

Nasceu em 1807 e, bem novo, durante a sua estada em Lisboa, aderiu aos ideais do liberalismo mais activo. Ligado à Maçonaria e à Carbonária, já era coronel em 1828, comandando o Batalhão de Caçadores Milicianos, e na Junta Provisória, estabelecida em 1828, foi encarregado da pasta dos Negócios Estrangeiros.

Neste solar foi conspirada a revolta do Batalhão de Caçadores nº5 e recebido D. Pedro, ao chegar de Belle Isle, com pompa, para um baile. Teotónio de Ornelas é a figura terceirense mais destacada na luta pelos ideais do Liberalismo nesta ilha, ficando a sua memória como símbolo desta época.

38° 39′ 32.2488″ N 27° 13′ 23.2716″ W﻿ / ﻿38.54219°N 27.22132°W﻿ / 38.54219; -27.22132

9 MEMÓRIA

Este monumento, portador de evidente simbologia maçónica, erigido à memória de D. Pedro, primeiro imperador do Brasil, quarto rei do mesmo nome em Portugal e Duque de Bragança, teve a primeira pedra lançada no dia 3 de Março de 1845, ficando terminado em 1856. Essa primeira pedra foi recolhida no cais da cidade, sendo uma das que o imperador havia pisado quando chegou a Angra em 1832.

A Memória, como rapidamente passou a ser conhecida, foi implantada no local onde, desde os finais do século XV, se erguia o Castelo de S. Cristóvão (também conhecido por Castelo de S. Luís ou dos Moinhos), cujas pedras foram aproveitadas para a construção deste obelisco em forma de pirâmide.

D. Pedro de Bragança, criador de duas constituições e paladino da causa liberal dos dois lados do Atlântico onde se fala a Língua Portuguesa, é personagem incontornável na criação de Portugal e do Brasil contemporâneos.

38° 39′ 31.5366″ N 27° 13′ 6.4704″ W﻿ / ﻿38.65571°N 27.21835°W﻿ / 38.65571; -27.21835

10 PALÁCIO DOS CAPITÃES GERAIS



Provisória, entre 5 de Outubro de 1828 e 22 de Junho de 1829, presidida pelo General Deoocléciano Leão Cabreira, e o Governo da Regência do Reino de Portugal, em nome de D. Maria II, presidido pelo Marquês de Palmela. Aqui Mousinho da Silveira legislou e estruturou as primeiras linhas do Portugal Liberal de oitocentos.

38° 39′ 24.4548″ N 27° 13′ 13.2708″ W﻿ / ﻿38.59013°N 27.21975°W﻿ / 38.59013; -27.21975

11 CASA DO MORGADO JOAQUIM DE ALMEIDA



Valeu-lhe tamanha audácia uma perseguição permanente por parte dos liberais, que lhe puseram a cabeça a prêmio, arrasaram propriedades, amaram ciladas e confiscaram esta casa onde ficou instalada a Pagadoria Geral.

38° 39′ 20.6964″ N 27° 13′ 18.5304″ W﻿ / ﻿38.65570°N 27.22193°W﻿ / 38.65570; -27.22193

12 SÉ CATEDRAL DE ANGRA



Múltiplos *Te Deum* de acção de graças realizados nesta igreja, promovidos quer por realistas quer por liberais, pontuaram a década de 1820. Salientam-se os que celebraram pela chegada do Capitão General, de tendência absolutista, Francisco de Borja Garção Stockler no dia 18 de Novembro de 1823, o de 15 de Março de 1830, por altura da chegada da Regência e, mais tarde, os realizados em honra de D. Pedro e de sua filha D. Maria II. Em 1828, a Junta Provisória mandou recolher a prataria e os sinos das igrejas (excepto o que fosse estritamente necessário ao culto) na Casa da Moeda estabelecida na Fortaleza de São João Baptista, para daí fundir moeda (os “malucos” de 80 reis). Por via disto, esta igreja perdeu todos os seus sinos pequenos e muitas alfaias antigas.

Salvou-se a custo, por negociação, o magnífico frontal de prata do altar do Santíssimo.

38° 39′ 20.0522″ N 27° 13′ 15.7584″ W﻿ / ﻿38.65281°N 27.21998°W﻿ / 38.65281; -27.21998

13 PALÁCIO BETTENCOURT



Neste palácio residiu, entre 1820 e 1821, Francisco António Pinto de Araújo e Azevedo, o sétimo Capitão General dos Açores e o último do Regime Absolutio.

Foi substituído no cargo em 1820 por Francisco de Borja Garção Stockler, mas permaneceu na ilha por ter aqui família. Faleceu, assassinado, no dia 3 de Abril de 1821, durante o pronunciamento liberal que, sem êxito, chefiou. Como governante tomou medidas em prol do arroteamento de terras incultas, forçou a conclusão da estrada Angra-Praia pela Achada e a alteração dos rodados dos carros de bois (cujos pregos salientes danificavam os caminhos). Mandou matar muitas das cabras que viviam à solta nos terrenos baldios como modo de conter os rebanhos e obrigar a uma agricultura mais progressiva e menos de subsistência. Foram medidas mal entendidas pelo povo, que lhe valeram uma raiva sem limites e o ápodo de “mata-cabras”.

38° 39′ 17.1576″ N 27° 13′ 15.2292″ W﻿ / ﻿38.65463°N 27.22026°W﻿ / 38.65463; -27.22026

14 CASA ONDE VIVEU ALMEIDA GARRETT



Nesta casa viveu Almeida Garrett, figura maior do Romantismo português, com origem familiar na ilha do Faial e sobrinho do Bispo de Angra D. Frei Alexandre da Sagrada Família.

Passou a sua juventude nesta cidade, estudando na aula régia, e aqui começou, também, a sua carreira literária, experimentando igualmente os seus primeiros amores. Em 1821 envolveu-se, no Continente, na acção política a favor do vintismo. Em 1832 regressou com outros académicos à ilha Terceira, integrando o Exército Libertador. Publicou vários escritos com referência a esta ilha, como a ode “A Vitória na Praia”, em louvor da vitória liberal na batalha de 11 de Agosto de 1829, na vila da Praia. Várias vezes deputado eleito por Angra, redigiu, em 1837, os decretos que reconheceram os serviços prestados pela ilha Terceira à causa liberal: Angra passa a Angra do Heroísmo, recebe títulos e o colar da Torre e Espada; a Praia passa a Praia da Vitória e também recebe títulos.

38° 39′ 18.3276″ N 27° 13′ 9.7248″ W﻿ / ﻿38.65518°N 27.22755°W﻿ / 38.65518; -27.22755

15 TIPOGRAFIA DA “CHRONICA A TERCEIRA”



Nos baixos desta casa, que estava sequestrada por haver sido residência do fidalgo miguelista e tenente-coronel de milícias de Angra, José Teodósio de Bettencourt Lemos, foi instalada a primeira tipografia que existiu nos Açores e aqui se imprimiu o primeiro jornal das ilhas, a *Chronica da Terceira*.

Este jornal, dedicado à causa D. Maria II, de que foi o seu primeiro

director Simão José da Luz Soriano, destinava-se a divulgar os principais “actos da Regência e primeiras autoridades que em nome da Rainha nos governam”. Sairam do velho prelo de madeira (equipamento adquirido em Inglaterra pelos liberais emigrados), com elementos de bronze e em tipos de chumbo, 44 números, entre Abril de 1830 e Março de 1831.

38° 39′ 21.0852″ N 27° 13′ 9.7248″ W﻿ / ﻿38.65320°N 27.22755°W﻿ / 38.65320; -27.22755

16 CASA DO CONDE DE VILA FLOR



Em Junho de 1829 chegou à ilha Terceira António José Severim de Noronha, 7º Conde de Vila-Flor, depois Duque da Terceira. Foi o último Governador e Capitão General dos Açores e trazia como missão imediata “acalmar os povos”, irritados com o comportamento da Junta Provisória, e organizar a defesa da ilha, na iminência de um ataque miguelista.

Nesta casa, requisitada para sua moradia, deram-se bailes, ceias e serões artísticos que ficaram famosos, nomeadamente pelo acolhimento e beleza da Condessa D. Maria Ana Luisa Filomena de Mendonça.

38° 39′ 20.358″ N 27° 13′ 8.5476″ W﻿ / ﻿38.65578°N 27.22463°W﻿ / 38.65578; -27.22463

17 DEPÓSITO DE OFICIAIS



Nesta casa foi instalado o Depósito de Oficiais de 1ª e 2ª linha, cadetes e porta-estandartes, criado no dia 9 de Novembro de 1829.

Durante este tempo chegaram à ilha Terceira militares provenientes das diversas unidades que, por professarem ideias liberais, não queriam permanecer ao serviço de D. Miguel e se arriscavam a ser presos. A administração liberal

da ilha Terceira deu-lhes guarda, organizou-os e estruturou o esforço que poderia realizar em prol da sua causa, como foi o caso da unidade militar instalada nesta casa.

38° 39′ 20.2968″ N 27° 13′ 7.698″ W﻿ / ﻿38.65580°N 27.22720°W﻿ / 38.65580; -27.22720

18 A FUGA DO GUERRILHEIRO “BOI NEGRO”



Chamava-se João Cabral de Melo e foi o mais famoso guerrilheiro absolutista que a ilha Terceira conheceu. A alcunha de “Boi Negro” veio-lhe de um certo dia em que, indo ao mato apanhar lenha, substituiu um boi que havia morrido pondo a canga ao seu pescoco e puxando ele próprio o carro.

Teve a cabeça a prémio pela Junta Provisória: cem mil reis, vivo ou morto; mas ninguém o entregou. Por acaso, um destacamento, ao percorrer a Terra Chã, deu com ele e prendeu-o. Fugiu depois da cadeia localizada nos baixos dos Paços do Concelho de Angra; nesta Ladeira de São Francisco barraram-lhe a passagem à batoneta; ferido, resistiu sempre. Ao ser enforcado, quebrou-se a corda. Morreu finalmente noutra forca, ao que parece completada com golpes de baioneta, no Castelo de São Sebastião, no dia 11 de Dezembro de 1828, contando apenas 21 anos de idade.

38° 39′ 23.166″ N 27° 13′ 3.2196″ W﻿ / ﻿38.65545°N 27.22002°W﻿ / 38.65545; -27.22002

19 CONVENTO DE SÃO FRANCISCO



Este enorme edifício conventual teve vida conturbada no período das lutas liberais.

Em 1823, quatro clérigos, cinco frades e onze seculares, presos na Praia por professarem ideias liberais, vieram para Angra sob escolta militar e recolheram aqui pela porta dos carros, sendo recebidos com carinho. Cá fora o adro mostrava-se repleto de gente “pedreiros livres” ou “sevandijas”.

Em Maio de 1829 foi a vez da Junta Provisória acusar os padres franciscanos de serem “baluarte da infidelidade”. Em Dezembro do mesmo ano, o convento recebeu ordens para enviar todos os seus frades para a Praia (excepto três, para o serviço da missa na igreja), pois a Junta necessitava dele para aquartelar o Regimento Provisório de Infantaria, comandado pelo tenente-coronel Bartolomeu Salazar Moscoso.

38° 39′ 25.4268″ N 27° 13′ 0.9948″ W﻿ / ﻿38.59050°N 27.21678°W﻿ / 38.59050; -27.21678

20 MOSTEIRO DE SÃO SEBASTIÃO



No extinto convento outrora existente neste sítio (onde viviam oito freiras clarissas descalças, entretanto transferidas para o Convento de São Gonçalo) foi aquartelado o Regimento de Infantaria nº18, chegado a Angra no dia 12 de Dezembro de 1829, procedente de Inglaterra.

Era um dos que apoiara a Junta do Porto, derrotada em 1828 pelo triunfo de D. Miguel e, por isso, tivera de sair pela Galiza e emigrar.

Depois, ainda durante a emigração, este antigo mosteiro serviu também de hospital militar provisório.

38°39′23.6″N 27°12′56.1″W﻿ / ﻿38.65639°N 27.21558°W﻿ / 38.65639; -27.21558

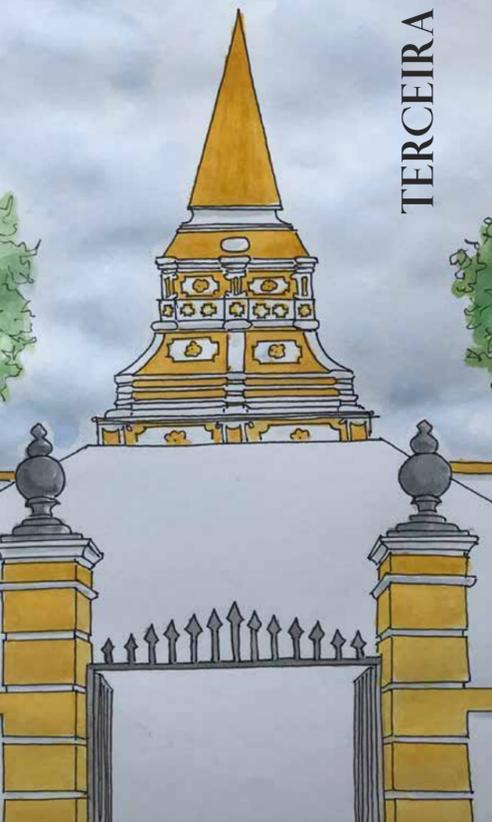
21 CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DOS CAPUCHOS



No convento outrora existente neste sítio foi aquartelada, entre 1827 e 1830, a Companhia de Voluntários Académicos da Rainha, antes aboletada na Praia e nos Biscoitos. Esta Companhia passou a formar, conjuntamente com a Companhia de Condutores, a Brigada de Artilharia Volante, criada no dia 29 de Maio de 1830.

Em 1832, a Regência mandou “prontificar a igreja” para dar completo alojamento aos efectivos do Batalhão da Infantaria nº10. Na igreja deste convento foi sepultado, em 1870, Teotónio de Ornelas Bruges, já então Visconde de Bruges e 1º Conde da Praia da Vitória.

38°39′40.9″N 27°12′40.2″W﻿ / ﻿38.66136°N 27.21117°W﻿ / 38.66136; -27.21117



22 SERRA DO FACHO



Viver no meio do mar obriga a cuidados. Em tempos de paz importa vigiar corsários, piratas ou estranhos; em tempo de guerra importa vigiar os inimigos que podem tentar a surpresa do ataque e da conquista. Nesta Serra do Facho (e no Pico do Capitão no Porto Martin, no das Cruzes em São Sebastião, no das Contendas na Baía das Mós e no Monte Brasil em Angra) os liberais restabeleceram o sistema de fachos. Seriam sinais de bandeiras, apoiados em mastros em cruz, com um sistema que foi evoluindo até poder enviar mais de 60 mensagens diferentes nos meados do século XIX. Algumas representações da época mostram telégrafos de postigos, invenção de Francisco Viera (1810), usada, por exemplo, nas linhas de Torres e em Portugal até cerca de 1850.

📍 38° 44' 1.536" N 27° 3' 14.0688" W

23 BATALHA DA PRAIA: A ARMADA



No dia 11 de Agosto de 1829, dia de nevoeiro, chuviscos, tempo brusco e vento desassossegado, aconteceu nesta baía a batalha da Praia, determinante para a vitória das ideias liberais. Do lado miguelista foram 21 navios e uma força de invasão de quase 4000 homens. A esquadra era comandada pelo almirante Rosa Coelho e constituída por uma nau, três fragatas, duas corvetas, quatro bergantins e três charruas. Transportava um total de 340 peças de artilharia, a que se devem acrescentar ainda seis barcas canhoneiras, cada uma com uma peça. As forças de desembarque eram comandadas pelo coronel Azevedo Lemos (que em Agosto de 1828 conquistara a Madeira), e estavam embarcadas em duas escunas, dois iates e dois patachos. A armada bombardeou terra durante quatro horas, disparando os navios mais de 5.000 tiros, embora com fracos resultados, a que responderam, como puderam, os fortes em torno desta vasta baía, acrescentando ao nevoeiro o fumo da artilharia contínua.

📍 38°43'37.0"N 27°03'38.6"W

24 BATALHA DA PRAIA: A BATALHA



No dia 11 de Agosto de 1829, com o vento de Oeste empurrando a esquadra miguelista para Leste, os invasores tentaram um primeiro desembarque junto ao Forte do Espírito Santo e pouco depois outro, mais dentro do areal e próximo da vila da Praia, sempre a coberto do fogo dos navios de guerra que se tinham colocado no interior da baía. Ambos foram, porém, repelidos pelas forças em terra. Ao fim do dia, a vitória era das hostes liberais, e a esquadra miguelista levantou ferro deixando atrás várias centenas de prisioneiros e mortos. Pelo lado liberal, o combate havia sido suportado pelos Voluntários da Rainha, soldados recém incorporados e ainda pouco treinados nas artes da guerra mas que fizeram das fraquezas forças, apoiados por militares liberais fugidos de outras unidades portuguesas que tinha conseguido desembarcar na ilha. Com a vitória nesta batalha, a ilha Terceira, antes tida como "a ratoeira", passou a ser um "baluarte da liberdade".

📍 38°43'52.7"N 27°03'19.2"W

PRAIA DA VITÓRIA



● permitida a vista

25 CASAS QUEIMADAS



Este desenho é reconstrução imaginada

Em Dezembro de 1828 foram aqui queimadas a casa e a Ermida de Nossa Senhora da Conceição pertencentes a André Machado de Lemos, que procurava viver afastado das tempestades políticas do tempo. Um oficial constitucional, indo em missão para as Doze Ribeiras, foi assaltado e espancado nas "garridas" (ou guerrilhas), perto daqui, por um homem de apelido "o Rincalho" pertencente a uma guerrilha miguelista. Denunciado o caso em Angra, e julgando tratar-se esta da moradia de um dos muitos apoiantes absolutistas, a Junta Provisória enviou um destacamento com a missão de queimar tudo. Entraram em busca do dono, que fugira, permitiram que a mulher e filhos saíssem e atearam o "fogo do castigo". Restou apenas parte da capela e uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, o que foi julgado milagre.

📍 38°40'53.5"N 27°16'04.1"W

26 CANADA DAS GUERRILHAS



Depois da batalha do Pico do Seleiro, os muitos partidários miguelistas (que saíram derrotados) nunca mais tiveram ocasião de se organizar de modo efectivo. Passaram a agir em grupos de guerrilhas, recebendo armas às escondidas e combatendo como podiam a Junta Provisória estabelecida em Angra. Dos vários grupos de guerrilhas desse tempo, ficou a memória de um que se escondia e sobrevivia por entre a população e nas matas destes sítios em redor, aproveitando as encruzilhadas de caminhos e o muito arvoredo que facilitavam a aproximação de Angra e a fuga imediata e rápida.

📍 38°40'58.6"N 27°16'12.4"W

29 PORTO DOS BISCOITOS



Durante as movimentações preparatórias da revolta miguelista de Setembro/Octubro de 1828, foi pelo porto dos Biscoitos (Biscoito da Cruz) que chegaram armas e munições provenientes de outras ilhas do Grupo Central, nomeadamente da ilha do Faial, em apoio das milícias e tropas realistas, partidárias de D. Miguel. Não foram muitas as armas nem estavam em muito bom estado, mas foram o suficiente para causar enorme rubelício e receio entre as tropas constitucionais acantonadas em Angra.

📍 38° 47' 59.0028" N 27° 15' 35.82" W

30 BATALHA DO PICO SELEIRO



Ao entardecer do dia 4 de Outubro de 1828, deu-se aqui, próximo do Pico Velho, do lado esquerdo da ladeira denominada Pico do Seleiro, o mais importante confronto entre as milícias realistas (como então se designavam os absolutistas) e liberais. As forças partidárias de D. Miguel, reunidas na Vila da Praia, comandadas pelo morgado Joaquim de Almeida e pelo capitão de linha João Moniz Corte-Real, eram em número superior a 4.000 homens (embora mal armadas e sem artilharia) e confrontaram-se neste sítio com cerca de 200 homens do Batalhão de Caçadores nº5, comandados pelo coronel José António da Silva Torres (apoiados por peças de campanha). O combate durou uma hora e meia. Flanqueados por um grupo de liberais, os milicianos miguelistas, sentindo-se derrotados, acabaram por debandar em direcção à Terra Chã, Biscoitos e Altares, sendo perseguidos durante a noite.

📍 38°43'50.3"N 27°05'54.6"W

25 BATALHA DA PRAIA: OS FORTES



No dia 11 de Agosto de 1829, a armada miguelista, decidida a acometer a ilha Terceira pela baía da Praia, tentou a manobra clássica de bombardear antes do desembarque. Assim o fez durante quatro horas, disparando mais de 5.000 tiros. De terra, disposta em arco ao longo dos cinco quilómetros de areal contínuo da época, a dezena de fortes e baterias respondeu. Este Forte de Santa Catarina do Cabo da Praia fez 89 disparos e foi duramente batido por três navios, entre os quais a fragata Diana, que fez 1.125 disparos. O desembarque acabou por se realizar do outro lado da baía, junto ao Forte do Espírito Santo, sem êxito.

📍 38° 42' 36.846" N 27° 3' 4.896" W

26 QUINTA DOS FIGOS



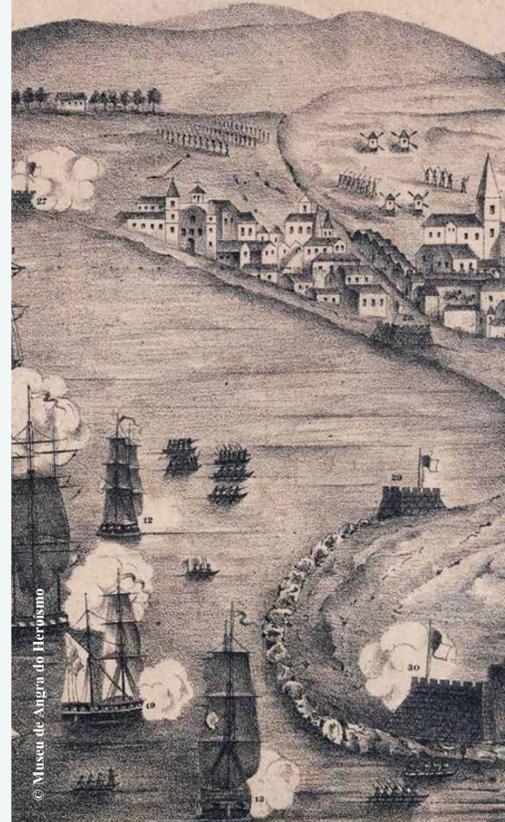
Nos tempos da emigração liberal, na ilha Terceira, quase todas as casas, "mesmo as pobrinhas" no dizer de alguns, tiveram de receber aboletados (direito que os militares tinham, em tempo de guerra, de se instalarem em casa particulares, devendo receber determinado apoio das famílias) que exigiram mesmo "cama, mesa e roupa lavada". Conta-se que, nesta quinta, se passou um caso desses, em que o pai se viu em trabalhos para esconder a filha dos olhares estranhos e pedir mercê de perdão para o filho, que se arriscava a uma grave punição militar, por não querer tratar com o devido respeito e humildade um oficial aboletado.

📍 38° 42' 20.484" N 27° 3' 35.1972" W

ILHA TERCEIRA



RECONSTITUIÇÃO BATALHA DA PRAIA



© Museu de Angra do Heroísmo



Imagine que, um dia, aquilo que era verdade deixa de o ser, que a vida – toda – muda de rumo, completamente. Foi isso que se passou em Angra - chamava-se assim, apenas -, durante a guerra civil que atravessou Portugal entre 1828 e 1834, pondo o país a ferro e fogo e transformando esta pequena e orgulhosa cidade do Atlântico, quase da noite para o dia, em capital do Reino de Portugal, partidária da causa Constitucional e de uma jovem rainha, D. Maria II e numa base militar. Por detrás de tudo isso estavam dois príncipes irmãos, Pedro e Miguel, semelhantes, em muito, nos modos de ser, mas diferentes na estrutura de pensamento e ideais. Pedro conseguira a independência do Brasil, que transformara em Império e a quem outorgara uma Constituição. Agora tinha sido chamado a defender os mesmos princípios constitucionais e liberais, no velho reino de Portugal, onde fervilhavam, principalmente nas cidades, as consequências das invasões francesas e da presença, abusiva, das tropas inglesas. Miguel era, por sua vez, fervoroso defensor de um governo mais tradicional, na linha dos partidários do antigo regime, regressados em força após a queda de Napoleão. Em Portugal o povo, sobretudo rural, mas onde se incluíam muitos intelectuais de pensamento monárquico absolutista, estava completamente do seu lado. Miguel tomou o poder em Lisboa, em Junho de 1828 e, de súbito, muitos defensores das ideias liberais e constitucionais começam a arribar à Terceira e a instalar-se, apoiados localmente por um núcleo liberal decidido e mesmo sabendo que a generalidade da população era "miguelista". Serão cinco anos em que tudo aconteceu: batalhas e escaramuças, alterações legislativas profundas, moedas feitas de sinos, conventos extintos, militares aboletados, quartéis por todo o lado, guerrilhas avulsas, um cerco inglês sem fácil explicação, casas queimadas para servir de exemplo a quem se opunha, saques literários. Angra e a ilha Terceira foram, assim, arrastadas para o centro de uma luta que envolveu Portugal, Brasil, e os interesses de potências estrangeiras como a França e a Inglaterra. Ao final acabaria por mudar de nome, passando a ser Angra do Heroísmo e a Praia passaria a ser Praia da Vitória. A "ratoeira", como lhe chamavam os miguelistas e descrentes, transformara-se no "rochedo da liberdade". A pirâmide amarela, ao cimo do outeiro, é "Memória" do que foram esses anos verdadeiramente loucos e de como a liberdade Constitucional foi alcançada, em Portugal.



ART ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE TURISMO

Governo dos Açores SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA Direcção Regional da Cultura

